



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

**Somos todos civilizados?
Are we all civilized?
Sommes-nous tous civilisés?**

Katerine da Cruz Leal Sonoda

Professora adjunta da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - UNIFESSPA (Marabá, Brasil)
Doutorado pelo Programa de Psicologia Clínica e Cultura/UnB (Brasília, Brasil)
Estágio sandúiche na Universidad Complutense de Madrid (Madrid, Espanha)
Mestrado pela Escola Nacional de Saúde Pública ENSP/Fiocruz (Rio de Janeiro, Brasil)
Graduada em Psicologia pela UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)
Líder do Grupo de Pesquisas do CNPq: Psicanálise, trauma e enfrentamentos do desamparo
E-mail: katerine.sonoda@gmail.com

Resenha dos livros:

Elias, N. (1994). *O processo civilizador: uma história dos costumes*, volume 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 277p.

Elias, N. (1993). *O processo civilizador: uma história dos costumes. A formação do Estado e civilização*, volume 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 307p.

No livro "O processo civilizador", escrito em dois volumes, Nbert Elias descreve as mudanças que aconteceram no comportamento, nas estruturas mentais e emocionais dos indivíduos no Ocidente. Foi o formulador da teoria do processo civilizador, segundo a qual a civilização europeia teria surgido pela interiorização das limitações e autocontrole dos impulsos, sob o efeito das transformações provocadas pela formação do Estado Moderno. Seu argumento central é que existe relação direta entre as mudanças na estrutura da sociedade e as que ocorrem na estrutura do comportamento e da constituição psíquica. Logo, entende a civilização como um processo engendrado no social e também no psíquico, havendo constante correspondência entre essas duas dimensões. Deste modo, o autor rompe com a ideia de uma sociedade acima dos indivíduos ou uma divisão excessivamente polarizada entre indivíduo e sociedade. Propõe, como alternativa, um modelo para abordagens de processos sociais de longa duração.

No primeiro volume da obra, Elias parte dos manuais de boas maneiras para tentar compreender as mudanças de comportamento da sociedade a partir da Idade Média. O que estes manuais descreviam eram justamente as formas dos indivíduos se portarem nas situações mais cotidianas, como comer, escarrar, assuar, dormir e na realização de outras funções corporais e sexuais. Demonstra como o comportamento e a vida afetiva dos povos ocidentais mudou lentamente após este período, com o aumento da repugnância, da vergonha e do embaraço diante de certas situações. Mudou o padrão do que a sociedade exige ou proíbe. O autor destaca ainda que este foi um processo de transformações graduais que ainda se encontram em curso.

No capítulo final do volume dois, ele aprofunda sua linha de pensamento e conclui seu entendimento da civilização como modificações nos hábitos. Nesse item, ele pergunta ao leitor: "O que tem a organização da sociedade sob a forma de 'Estados', o que tem a monopolização e a centralização de impostos e da força física num vasto território, a ver com a 'civilização'?" (p. 193). A resposta vem com a elaboração que perpassa todo o texto: a internalização de novas regras e formas de conduta social que repercutem em mudanças de comportamento e atitudes rumo a uma pacificação. Nesse sentido, o Estado passa a ter o controle, monopólio e a legitimidade da força: "Uma vez tivesse o monopólio da força física passado a autoridades centrais, nem todos

os homens fortes podiam se dar ao prazer do ataque físico” (Elias, 1994, p. 199). A monopolização da força reduz o medo e o pavor que um homem tem de outro e limita comportamentos violentos.

Por meio de inúmeros exemplos, Elias mostra o retrato de uma sociedade na qual as pessoas davam vazão a impulsos e sentimentos de forma incomparavelmente mais rápida, fácil, espontânea e aberta do que hoje, na qual as emoções eram menos controladas e, em consequência, menos reguladas e passíveis de oscilar mais violentamente entre extremos. A pacificação exigiu um maior controle das emoções. O texto enfatiza que este foi um processo paulatino e não sem retrocessos – o autocontrole passa a ser praticado por um maior número de pessoas sob a autoridade do poder central em monopolizar a violência, de forma que o controle dos outros vai sendo convertido em autocontrole. O perigo maior não mais vem do outro, mas de si mesmo, na medida da possibilidade de perda do controle. A principal referência desse refinamento (e não evolução ou estágio evolutivo) da conduta está na passagem dos cavaleiros para os cortesãos. Além da “nobreza belicosa”, que foi, durante o processo civilizador, substituída por uma “nobreza domada”. Se antes os guerreiros viviam da guerra, o processo gerou novas formas de lidar com o outro não apenas através da violência física. Contudo, o desenvolvimento da gentileza, da cortesia e da urbanidade não se efetuou sem uma enorme repressão. Repressão esta que tem sempre um custo alto a ser pago.

Juntamente com essa crescente divisão do comportamento no que é e não é publicamente permitido, a estrutura da personalidade também se transforma: “Toda essa reorganização dos relacionamentos humanos se fez acompanhar de correspondentes mudanças nas maneiras, na estrutura da personalidade do homem, cujo resultado provisório é nossa forma de conduta e de sentimentos civilizados” (Elias, 1993, p.195). A elevação de barreiras da sensibilidade, as alterações nos sentimentos de embaraço aumentam, assim como o aumento da coação exercida por uma pessoa sobre a outra e a exigência do refinamento das condutas. O que achamos inteiramente natural, porque fomos adaptados e condicionados a esse padrão social desde a mais tenra infância, teve, no início, que ser laboriosamente adquirido e desenvolvido pelas gerações precedentes. O sentimento atual de repúdio contra o genocídio, por exemplo, é um indicador de que as sociedades sofreram um processo civilizador. Há diversas “incivilidades” que nos causam mal-estar hoje, um mal-estar ante uma diferente estrutura das emoções. Suportamos hoje cada vez menos os atos violentos. Hoje dizemos “Isso é violência!” para uma série de fenômenos que seríamos incapazes de nominar como violências há poucas décadas atrás. Contudo, o controle das emoções violentas não é unívoco ou irreversível – sendo o equilíbrio das tensões precário. Logo, o processo civilizador é constantemente ameaçado porque o autocontrole ainda é falho.

Destacaremos agora algumas questões que o texto de Nbert Elias pode suscitar em um leitor da contemporaneidade e, mais especificamente, leitores psicanalistas. Um limite do texto que, sem dúvidas, é um limite também da época em que foi escrito, se refere ao fato de que Elias fala apenas em contenção da violência física. Ou evidencia somente esse tipo de violência como marca de incivilidade ou ameaça ao processo civilizador, desconsiderando diversas outras manifestações possíveis do fenômeno. Cabe destacar ainda uma questão que, se analisada mais de perto, surge como uma imprecisão conceitual: o uso que faz da noção de superego. Bastante presente no texto, e retirado de Freud, Elias usa o termo superego, ego e consciência como indiferenciados ou semelhantes. O termo consciência se origina da primeira tópica freudiana. Já as noções de id, ego e superego aparecem assim nominadas apenas em *O ego e o id* (1923), texto que funda a segunda tópica.

Além disso, é improvável pensar em superego sem articulá-lo com o id e o ego, que são as instâncias psíquicas com os quais ele se articula. O uso que o sociólogo faz de um “superego estável” é uma noção difícil de ser pensada na psicanálise porque o superego é constituído e fundado a partir do laço simbólico com a alteridade. Falar de estabilidade do ideal de ego pode culminar no equívoco de associar a emergência do superego a uma transmissão genética e não simbólico-familiar-cultural. Não foi assim que Freud o teorizou.

Já na parte final do texto, o autor aponta o que entende como ameaças aos processos civilizatórios, que seriam as guerras e as lutas econômicas. Para ele, apenas quando estas tensões entre e dentro do Estado forem eliminadas e dominadas é que poderemos esperar nos tornarmos realmente civilizados. Aqui ele é extremamente otimista e de certa forma se contradiz. Se fala todo o tempo em processo, como concluir que haveria o fim do processo civilizatório? Acreditamos que este argumento tem pouca sustentação e faremos mais um retorno a Freud para questionar Elias.

Em *Moral sexual civilizada e a doença nervosa dos tempos modernos*, de 1908, o mal-estar do desamparo, inerente à condição humana, e a necessidade de resposta a ele, foram apresentados por Freud sob a forma de uma solução possível, isto é, de uma harmonia a ser conquistada entre as exigências pulsionais e as da civilização. Aqui Freud ainda acreditava que a Psicanálise poderia ser útil nessa mediação, possibilitando aos sujeitos analisados uma relação tranquila entre exigências tão distintas.

Até aqui Freud e Elias parecem caminhar juntos. Mas em 1930 o psicanalista vai além e parece não acreditar mais em sua formulação original. A relação conflitual entre a pulsão e a civilização seria de uma ordem estrutural, isto é, o conflito jamais seria ultrapassado. Assim, se em 1908 o conflito poderia ser ‘solucionado’, em 1930 o desamparo originário dos seres humanos é considerado um elemento incontornável. Esse mal-estar teria origem no antagonismo irremediável entre as exigências da pulsão e as restrições da civilização, ou seja, a civilização aparece como limitadora – por meio da censura e do recalque – da completa realização do princípio de prazer. O conflito humano (portanto, intrapsíquico e social) é sempre interminável. No melhor cenário, o conflito é contornado. Mas este já é assunto para uma nova resenha.

Para Elias, encontraríamos a felicidade apenas com a eliminação das tensões e conflitos e com o equilíbrio ótimo as paixões entre as exigências da existência e suas inclinações e desejos pessoais. Se for assim, nunca seremos civilizados. Tampouco felizes.

Por fim, se afinados com os pressupostos de Elias, de que mudança da estrutura das funções sociais acarreta também em mudança de conduta, estaríamos na contemporaneidade diante de uma “nova onda” civilizatória? O próprio autor afirma que períodos de transição proporcionam uma oportunidade especial à reflexão: os padrões mais antigos foram contestados, mas os novos ainda não surgiram. Ficam abertas à discussão muitas coisas que as gerações anteriores consideravam como certas e “civilizadas”. Da mesma forma que achamos incivilizado, hoje, comer com as mãos ou levar um animal inteiro à mesa, as gerações futuras poderão nos questionar sobre a forma como usamos os recursos da natureza, as tecnologias de comunicação e tratamos determinados grupos sociais – só para citar alguns exemplos. Quais convenções comportamentais mudarão? Provavelmente muitas das que tomamos hoje como absolutamente naturais. Tal problemática convida os psicanalistas à indagação sobre se tais transformações fortalecerão ou não o processo civilizatório *no modo como lidam* com o que foi tradicionalmente instituído.



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

Referências bibliográficas

- Freud, S. (1996). Moral sexual civilizada e doença nervosa dos tempos modernos. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 09, pp. 167-186). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1908).
- Freud, S. (1996). O ego e o id. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 15-122). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (1996). Mal-estar na civilização. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 67-148). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1930).

Citação/Citation: Sonoda, K., (nov. 2017 a abr. 2018). Somos todos civilizados?. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 13(25), 112-115. Disponível em www.isepol.com/asephallus. Doi: 10.17852/1809-709x.2019v12n25p112-115.

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 20/11/2016 / 11/20/2016.

Aceito/Accepted: 01/06/2017 / 06/01/2017.

Copyright: © 2018 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.